

CONSTRANGIMENTO SOCIAL ASSOCIADO AO USO DE SIMULACROS DE MATERIAIS DE ORIGEM ANIMAL EM VESTUÁRIO DE USUÁRIOS VEGANOS

*Embarrassment in social settings associated with the use of simulacrums of
material of animal origin in clothing used by vegans*

Araujo, Gabriella Ribeiro da Silva e; Me;
Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo,
gabriellaaraujo@usp.br¹

Nascimento, Luís Cláudio Portugal do; PhD;
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo,
claudioportugal@usp.br²

Resumo: Este artigo apresenta, discute e analisa aspectos associados às dimensões estética, simbólica, sociológica, filosófica e semiótica de simulacros de materiais de origem animal, sobretudo quanto a sentimentos de constrangimento social, quando inseridos no contexto do vestuário utilizável por indivíduos veganos, os quais, por motivações de ordem ideológica, abstêm-se, entre outras coisas, do consumo de derivados de animais no vestir.

Palavras chave: Design de moda; simulacro; veganismo.

Abstract: *This paper presents, discusses and analyzes aspects associated with the aesthetic, symbolic, sociological, philosophical and semiotic dimensions of animal material simulacrums (made out of synthetic components), especially regarding embarrassment in social settings in the context of clothing for vegans, who, due to ideological reasons, abstain from using, among other things, clothing with materials of animal origin.*

Keywords: Fashion design; simulacrum; veganism.

¹Mestre em Têxtil e Moda pela Each-usp com pesquisa desenvolvida sobre vestuário voltado para usuários vegetarianos veganos.

²PhD em Educação de Artes pela New York University e docente dos cursos de graduação e pós-graduação em Design da Fau-usp.

Introdução

Em relação ao vestuário utilizável pelo público vegano (indivíduos que se abstêm, por motivos éticos e/ou ideológicos, na medida do possível, do consumo de produtos e serviços provenientes do reino animal), há diversas alternativas sintéticas aos materiais de origem animal que os substituem em suas funções práticas, estéticas e/ou simbólicas. De arremedos burlescos a imitações fidedignas da realidade, simulacros de peles, penas, pelos, ossos e secreções de animais, à primeira vista, de perto, de longe e/ou aos olhos de leigos, figuram, em diferentes graus de realismo, aspectos estéticos e sensoriais que os tornam difíceis de serem distinguidos de genuínos materiais de origem animal.

Neste contexto, por meio de pesquisa qualitativa, de caráter sobretudo fenomenológico, a presente investigação compreende a problemática de possíveis implicações conceituais e práticas mais notáveis, sob os enfoques estético, simbólico, sociológico, filosófico e semiótico, da ideia de simulacro, emulação e cópia de materiais de origem animal e/ou que façam referência, alusão ou evoquem aspectos exteriores de corpos de animais, a partir da ótica de indivíduos adeptos à filosofia do veganismo. Para tanto, a partir de entrevistas com usuários veganos e ativistas dos direitos dos animais, além de levantamentos de comentários em redes sociais da internet, espera-se, com esta contribuição, iluminar os campos do design de moda, do veganismo e, conseqüentemente, dos direitos dos animais.

Alguns dos resultados desta investigação sugerem, por exemplo, que, enquanto, para alguns usuários, o recurso a alternativas consideradas como veganas seria aceitável pelo fato de substituírem atributos funcionais, estéticos e até afetivos de roupas e acessórios diretamente associados, por eles, a sofrimento, para outros usuários, seria objeto de constrangimento social, uma vez que representariam produtos oriundos de processos de obtenção de matérias-primas que consideram antiéticas. Segundo parte dos respondentes, devido ao razoável grau de fidedignidade de vários destes simulacros, o mero uso deste tipo de material artificial resultaria pouco aceitável por ser insuficientemente discernível de materiais derivados de corpos de animais.

Nestes casos, esta verossimilhança poderia, de acordo com tais respondentes, indiretamente promover a ideia de que o uso de materiais de origem animal seria admissível, contribuindo, assim, para estimular o consumo de vestuário não condizente com a ideologia que adotam.

Veganismo: filosofia que norteia estilos de vida e modos de consumir

Veganismo compreende uma filosofia de vida baseada em valores éticos e nos direitos dos animais. Consiste na abstenção da contribuição direta e voluntária com qualquer forma de exploração, uso, abuso e abate de animais. Todo vegano é, em detrimento de seus princípios éticos, vegetariano (o qual apenas não se alimenta de carnes). Porém, nem todo vegetariano é, necessariamente, vegano: a distinção é de natureza ideológica e se manifesta em seu modo de vida. Tal postura em favor dos direitos dos animais que norteia a filosofia do veganismo transcende a mera opção dietética (INTERNATIONAL VEGETARIAN UNION, 2013).

Sendo assim, veganos adotam a dieta vegetariana estrita, predominantemente baseada em alimentos de origem vegetal e excludente de ingredientes de origem animal. Além disto, indivíduos partidários desta vertente ideológica abstêm-se do consumo de produtos que contenham ingredientes e materiais derivados de animais vivos ou mortos (tais como: cosméticos, produtos de limpeza, de vestuário, mobiliário, entre outros), boicotam práticas de objetificação de animais, como sua utilização para fins de trabalho, rituais religiosos, esportivos, de entretenimento e de experimentação científica (FELIPE, 2010; GUIMARÃES, 2010; MÜLLER, 2010; SOCIEDADE VEGANA, 201?).

Reconhecer, à própria biografia, que o uso de produtos de origem animal está definitivamente interdito, é uma conclusão natural para quem não admite que o bem-estar, a felicidade, o prazer ou qualquer outro benefício pessoal na vida, sejam alcançados à custa de dor, sofrimento, privação de liberdade e morte de outros, não importando o formato no qual esse outro aparece na esteira da vida (FELIPE, 2010).

Diante deste constante desafio, veganos são consumidores que, na medida do possível, averiguam minuciosamente a existência de violação do que consideram ser direitos dos animais, não somente nas entrelinhas da lista de ingredientes ou materiais intrínsecos de cada produto ou serviço consumido, como também por meio da investigação de possíveis traços imateriais do que acreditam ser formas de abuso e exploração de animais. Para os veganos, o eventual consumo de produtos resultantes de uma realidade não aprovada, além de moralmente incômodo, caracterizaria convivência com e o financiamento de tais práticas.

Temos que pôr o pé de fora do sistema para encontrarmos nossa empatia perdida e fazermos escolhas que reflitam o que verdadeiramente sentimos e aquilo em que acreditamos, em vez daquilo que nos ensinaram a sentir e a ter como verdade (JOY, 2014, p. 110).

O vestir para veganos

Muitos são os produtos que contêm materiais de origem animal. Em relação a artigos de vestuário, também não é diferente. De acordo a lógica do veganismo, “a pele e a preservação da intimidade do corpo humano não devem ser protegidas às custas da tortura e morte de quaisquer animais” (FELIPE, 2010). Por isto, tal como suas preferências alimentares, em coerência com sua filosofia de vida, veganos, na medida do possível, não se vestem com nada que contenha parcela do que já foi ou tenha derivado da vida de animais.

E para restituir a qualquer animal a alma que lhes foi roubada no manejo humano, é preciso abolir completamente o sistema de produção de alimentos animalizados, diversões animalizadas, moda animalizada, beleza animalizada e tratamentos médicos animalizados. Isso implica no desmonte das fábricas de animais (FELIPE, 2014).

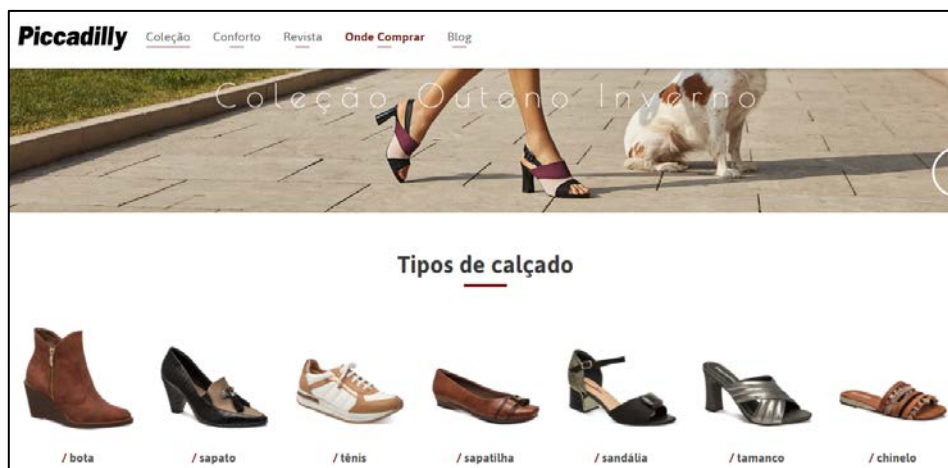
Sejam facilmente identificáveis ou imperceptíveis, peles, pelos, penas, pérolas, seda, conchas, teias e ossos de diversos animais compõem ou ornamentam vasta gama de produtos para o vestuário humano. No Brasil, embora haja marcas de produtos de vestuário especificamente voltadas para o público vegano, de acordo com Marly Winckler, presidente da SVB, Sociedade

Vegetariana Brasileira, ainda são insipientes para atender à demanda (FERREIRA, 2013). Como produto vegano, a Sociedade Vegetariana Brasileira (SELO VEGANO, 2013?) considera aquele que:

(1) não contém em sua composição nenhum ingrediente de origem animal, incluindo: qualquer das carnes como a de boi, porco, carneiro, peixe, animais marinhos, aves e todas as demais espécies animais; substâncias oriundas de partes de animais ou suas secreções; leite, queijo ou outros laticínios; substâncias oriundas de laticínios; ovos; substâncias oriundas de ovos; mel; substâncias oriundas de mel ou de abelhas ou qualquer outro inseto; corante carmim (oriundo da cochonilha); caseína de origem animal; glicerina de origem animal; lactose; couro animal ou outras peles de animais ou suas partes; colágeno; seda; ossos; cartilagens; clarificantes de origem animal; ou qualquer corante, estabilizante, conservante, emulsificante, edulcorante ou outro ingrediente que tenha origem de animal, vertebrado ou invertebrado; (2) durante cujo desenvolvimento nenhum animal, vertebrado ou invertebrado, foi usado em testes de toxicidade ou qualquer outro teste ou experimentação; (3) durante cujo processo de fabricação nenhum ingrediente, produto ou subproduto de origem animal foi usado, mesmo que estando ausente no produto finalizado; e (4) se possa garantir que, durante o desenvolvimento dos ingredientes, insumos e substâncias presentes na composição e/ou usados na fabricação do produto, nenhum animal, vertebrado ou invertebrado, foi usado em testes de toxicidade ou qualquer outro teste ou experimentação.

Mesmo que não sejam declaradamente veganas, há também marcas comuns que produzem, não necessariamente por motivações éticas, parte ou a totalidade de suas roupas, calçados e/ou acessórios sem ingredientes de origem animal, a partir de materiais vegetais, minerais ou sintéticos.

Figura 1: Calçados da marca Piccadilly, isento de componentes animais, porém, não declarados como sendo veganos.



Fonte: <http://www.piccadilly.com.br/colecao>, 2017.

Tal qual estão habituados a averiguar os ingredientes dos alimentos que consomem, adeptos do veganismo devem sempre estar atentos às etiquetas de composição de tecidos e, quando necessário, contatar empresas fabricantes quando informações a respeito dos produtos não estão claras ou disponíveis.

São comuns casos em que as informações das embalagens e etiquetas sobre a composição de tais produtos não são suficientemente esclarecedoras. Tampouco consultas feitas diretamente com as empresas fabricantes podem ser sempre satisfatórias quando se deseja descobrir com exatidão a procedência das matérias-primas empregadas. Ainda de acordo com Winckler (FERREIRA, 2013), em muitos casos, nem mesmo as próprias empresas têm dados precisos sobre a origem dos materiais adquiridos de fornecedores terceiros: “às vezes eles usam materiais que são de origem animal e não sabem”.

O conceito de simulacro no contexto de materiais artificiais que aludem a materiais de origem animal

Segundo o dicionário Michaelis (2009), o termo “simulacro” caracteriza ideia de arremedo, representação artificial da realidade, espécie de imitação com aspecto ou aparência enganosa. Apesar de ser considerado como sendo sinônimo de cópia malfeita, para o filósofo Gilles Deleuze (1974), haveria nuances de sentido que distinguiriam “simulacro” de, meramente, algum tipo de “cópia”. Para o autor, mais do que simplesmente uma cópia falsa, o simulacro põe em questão as próprias noções de cópia e de seu modelo referencial.

Por se tratar de um arremedo cuja referência não é claramente identificável, o simulacro compreende dimensões, profundidades e distâncias não dominadas por seu observador que, por sua vez, o associa a algo que julga ser semelhante. “O simulacro inclui em si o ponto de vista diferencial; o observador faz parte do próprio simulacro, que se transforma e se deforma com seu ponto de vista” (DELEUZE, 1974, p. 264).

De acordo com o sociólogo e também filósofo francês, Jean Baudrillard (1992), em sua obra “Simulacros e simulações”, a existência do simulacro

tampouco precede uma referência “real”, uma vez que não mais existiriam distinções entre o “real” e o “verdadeiro”. Para ele, na contemporaneidade, a qual considera ser uma era de “hiper-realidade”, em analogia à simulação de um sequestro ou assalto, demonstra que suas consequências, tais como reações de pânico e a ação de policiais, seriam semelhantes às dos referidos eventos, só que reais.

Figura 2: Simulacros de materiais de origem animal em capa da revista Vogue francesa, em edição dedicada à causa animal.



Fonte: <http://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2017/07/gisele-bundchen-estrela-vogue-paris-dedicada-causa-animal.html>, 2017.

Neste trabalho, materiais sintéticos, aplicáveis a peças de vestuário, que, ao menos sob ponto de vista de veganos, contêm características estéticas, físicas e/ou formais que simulam, arremedam ou remetem a materiais de origem animal, são considerados como sendo simulacros de materiais de origem animal.

Método de pesquisa

No intuito de se construir o necessário arcabouço teórico que pudesse equipar a pesquisadora e, concomitantemente, contextualizar potenciais leitores em relação à temática, empreendeu-se, preliminarmente, breve revisão bibliográfica sobre aspectos que tangenciam o espectro estudado, tais como: veganismo, o vestir de veganos e o conceito de simulacro no contexto dos materiais artificiais que evocam características de materiais originários de animais.

Este artigo caracteriza versão sintética e parcial dos resultados obtidos em pesquisa maior, de nível de mestrado, defendida pela autora e orientada pelo co-autor, no Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, em 2016. Sendo assim, apresenta apenas seleção de resultados que apresentaram pertinência ao sentimento de constrangimento social quando da utilização de simulacros de materiais de origem animal, por parte de indivíduos cujo estilo-de-vida se demonstra influenciado pela ideologia do veganismo que esposam.

Inicialmente, fora idealizada com o objetivo de responder ao seguinte problema fundamental: Que aspectos e implicações conceituais e práticas mais notáveis, em termos estéticos, semânticos, sociológicos e éticos, da ideia de simulacro, emulação e cópia de materiais de origem animal e/ou que façam alusão ou evoquem exterioridades de corpos de animais, aplicados a materiais artificiais empregados em produtos de vestuário utilizados pelo público vegetariano vegano, em especial quanto à sua maior ou menor percebida aceitabilidade, emergem de um estudo qualitativo a ser realizado, sobretudo na cidade de São Paulo, a partir da ótica de usuários veganos e de ativistas dos direitos dos animais?

Os métodos definidos para a coleta de dados que concernem à esta versão parcial da investigação supracitada foram: consultas a comentários de membros de grupos relacionados ao veganismo em rede social da internet, e de entrevistas semiestruturadas e estimuladas, realizadas com ativistas proeminentes da área dos direitos dos animais em eventos voltados para o

público vegano ocorridos nas cidades de Santos e, em sua maior parte, São Paulo. Todas as entrevistas pessoais foram registradas, mediante permissão dos entrevistados, em gravações de áudio.

As técnicas utilizadas para o tratamento e apresentação das informações obtidas nesta pesquisa foram: triagem, transcrição de áudios de entrevistas, transcrição de comentários extraídos de discussões em grupos veganos de rede social da internet, separação dos dados brutos coletados, separação por pertinência, classificação e indexação em busca da identificação de padrões abstratos de associação que iluminem a questão levantada pelo problema fundamental.

Ressalta-se, ainda uma vez, que dentre mais de vinte categorias conceituais identificadas em relação à aceitabilidade da classe de produtos em questão, como mencionado anteriormente, a fim de divulgar resultados parciais, o presente trabalho restringe-se à apresentação e discussão de aspectos identificados somente quanto a sentimentos de constrangimento social associados à utilização de simulacros de materiais de origem animal em vestuário de veganos, evidenciados no item “Resultados, apresentação e discussão”, a seguir.

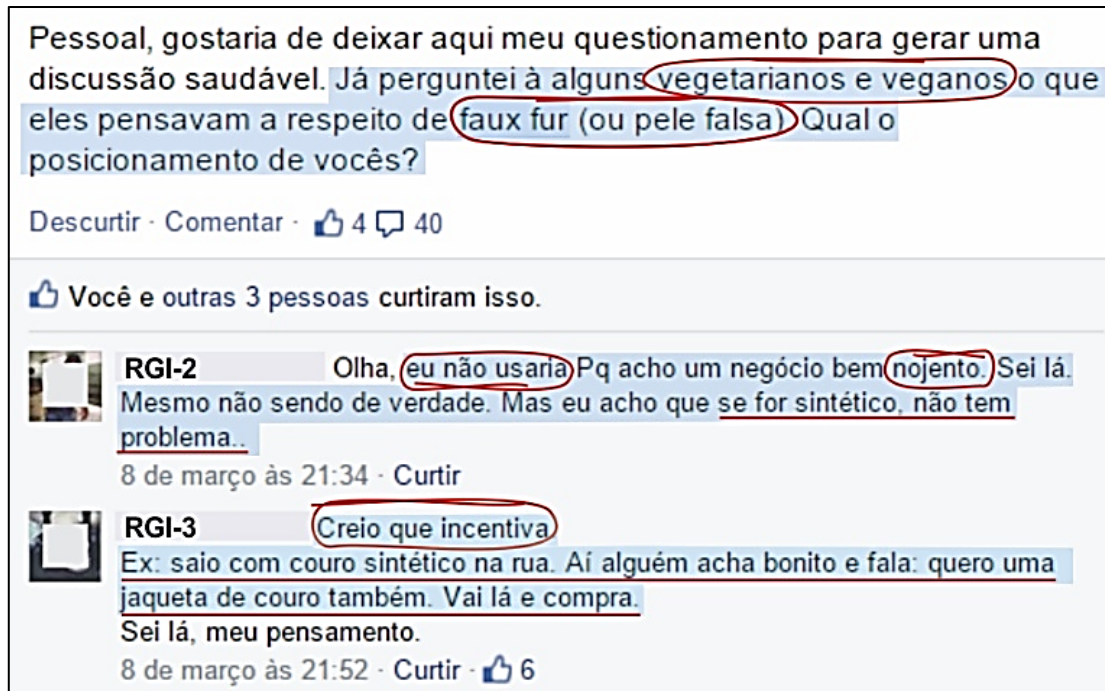
Resultados, apresentação e discussão

Os dados apresentados neste trabalho foram coletados por meio de duas técnicas distintas: sondagens em comentários de usuários em grupos relacionados à temática do veganismo em rede social da internet e entrevistas semiestruturadas, parte delas estimulada por meio de imagens de simulacros de materiais de origem animal em vestuário, realizadas pessoalmente com ativistas dos direitos dos animais em eventos veganos no município de São Paulo e Santos, em 2015.

Em relação às sondagens em comentários de usuários veganos, membros de grupos veganos de rede social da internet, foram capturadas imagens das páginas virtuais nas quais as informações estavam inseridas, de modo a registrá-las de maneira semelhante à representada na figura 3, a seguir,

a qual demonstra um dos exemplos de comentários coletados por sua pertinência à temática da pesquisa:

Figura 3: Exemplos de dados extraídos de comentários em postagem feita em grupo vegano de rede social virtual.



Fonte: A fim de salvaguardar a identidade dos respondentes, o endereço desta página de rede social no meio virtual não foi indicado, 2015.

Figura 4: Exemplo de feira vegana em que parte das entrevistas semiestruturadas foi realizada. Trata-se do evento “Move it: making vegan possible”, realizada em dezembro de 2015, na Avenida Paulista, em São Paulo.



Fonte: foto da autora, 2015.

Já a tabela apresentada na figura 5, na página seguinte, indica os códigos dados a cada tipo de respondente, de acordo com as fontes e técnicas de coleta de dados empregadas. Tal codificação foi utilizada de modo a salvaguardar a identidade dos respondentes cujos comentários foram transcritos e analisados.

Figura 5: Relação entre codificação da identidade dos respondentes, origem das fontes de dados e técnicas de coleta utilizadas.

Códigos dos tipos de respondentes	Fontes de dados	Técnicas de coleta de dados utilizadas
RGI-44, RGI-45, RGI-48, RGI-71 e RGI-89	Usuários internautas participantes de grupos temáticos veganos de rede social da internet.	Sondagens em postagens de comentários feitos por usuários veganos.
RAE-124, RAE-128, RAE-129, RAE-130 e RAE-131	Respondentes veganos ativistas dos direitos dos animais, participantes de eventos veganos em São Paulo e Santos-SP.	Entrevistas semiestruturadas com gravações dos áudios.

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Análise de aspectos associados à sensação de constrangimento social quando da utilização de simulacros de materiais de origem animal, por parte de usuários veganos

Apresenta-se, aqui, seleção de fragmentos de comunicações nas quais, implicitamente, constam indícios de que o uso de materiais artificiais com características semelhantes às de outros, derivados de animais, estariam associados a experiências constrangedoras aos seus usuários.

As informações que compõem esta categoria correspondem a tópicos criados randomicamente por usuários, identificados mediante sondagens em comentários contidos em postagens em grupos veganos de rede social da internet. Tal condição sugere que, ao contrário de outras técnicas de coleta de dados utilizadas nesta pesquisa, no caso das informações inerentes ao sentimento de constrangimento social, não houve qualquer envolvimento ou estímulo, por parte do pesquisador, que suscitasse a reflexão acerca do assunto. Esta particularidade da fonte e técnica de coleta de dados utilizada confere, neste caso, espontaneidade decorrente de genuína inquietude dos respondentes

em discutir a problemática aqui analisada.

Na indagação extraída da fala do participante do gênero masculino, RGI-44: *Vocês teriam coragem de entrar com uma roupa de couro sintético em um restaurante vegetariano / vegano?*, subentende-se que a utilização de simulacros de couro animal, em ambiente no qual o consumo de corpos de animais (para fins alimentícios) não é praticado, poderia ser objeto de reprovação, devido à sua semelhança, independentemente de sua composição ser de origem sintética. Em resposta à esta pergunta, o usuário RGI-45 corrobora com a ideia que a utilização deste tipo de vestuário poderia ser objeto de polêmica, em virtude da reação dos clientes do referido restaurante, nesta hipotética situação:

(...) todos julgariam alguém entrando de couro num restaurante vegano, ficariam sussurrando uns aos outros sobre a falta de respeito e tal... Mas, alguém poderia entrar de couro sintético e as pessoas acharem que é de verdade e julgá-las erroneamente. Resumindo: pegadinha do Malandro!

Situações constrangedoras, desta vez, não hipotéticas, mas reais, protagonizadas por usuários, foram relatadas em comentários de postagens encontradas em postagens em grupos veganos da mesma rede social: *Tenho brincos de pena feitos por mim. Tudo falso também. Me criticaram pra caramba...* (RGI-71); *Uma vez, no trabalho, me questionaram o porquê de eu usar uma carteira de couro. Mostrei aos dois colegas (que me perguntaram) que esta carteira era de material sintético* (RGI-89) e *Entreí esses dias num restaurante vegan, em SP, com um vestido com estampa de oncinha e me olharam torto...* (RGI-48).

Os dois primeiros exemplos mencionam penas e couro sintéticos de notória aparência com outros derivados de animais. Já o último, provavelmente trata de um arremedo à pele do animal aplicado em superfície têxtil e, portanto, menos semelhante com o que seria o material de origem animal “pele de onça” ou, então, couro bovino com aspecto artificial que faz alusão ao padrão visual da pelagem do animal onça.

A partir da análise destas falas, pode-se inferir que tal similitude, mesmo em se tratando de opiniões isoladas sobre situações, ora verdadeiras, ora fictícias,

de fato, faz de sua procedência aspecto, muitas vezes, indiscernível. Sobretudo em relação aos simulacros do couro animal, tais comentários denotam ser consensual a ideia de que é comum confusões e indiscernibilidade quanto à sua origem e, por isto, serem objetos desencadeadores de situações constrangedoras. Além disso, de acordo com o que foi observado no comentário do internauta RGI-48, evocações mais abstratas a corpos de animais, como é o caso de seu “vestido com estampa de oncinha”, poderiam ser suficientes para suscitar a reprovação de alguns indivíduos aparentemente sensíveis à causa em defesa dos interesses dos animais.

Análise de aspectos associados à sensação de constrangimento social quando da utilização de simulacros de materiais de origem animal, por parte de ativistas dos direitos dos animais

Os parágrafos abaixo apresentam seleção de fragmentos de transcrições de entrevistas feitas com ativistas dos direitos dos animais, nos quais foram notados indícios de que haveria tipos de simulacros de materiais de origem animal capazes de causar sensações constrangedoras a seus usuários, devido à similitude destes objetos com produtos do que julgam estar associados a práticas reprováveis em relação ao trato de animais.

Alguns ativistas veganos creditaram à possível indiscernibilidade entre o simulacro artificial e o originalmente animal, aspecto suscitador de apontamentos de contraditórias entre o discurso e a prática do veganismo por parte de seus usuários. Contribuíram para esta dedução comentários como: *Mesmo não sendo de origem animal, a sociedade tenta apontar como se fosse e, até você provar que aquilo não é, a pessoa usa como pretexto para apontar em você algo que não seja coerente* (RAE-124), (...) *tenho uma bolsa que parece couro e um vegano postou no Facebook que eu usava bolsa de couro verdadeiro! Mas, a pessoa sabia que eu era uma ativista conhecida e, foi mais uma rixa pessoal para me atacar, só...* (RAE-130) e:

As pessoas confundem muito isso, é até um assunto interessante. Muitas vezes as pessoas me veem com um sapato de onça e me

questionam: -“mas você não é vegana?” Aí eu falo: -“eu sou, não matei nenhum bicho para que isto esteja aqui!” (RAE-128).

Semelhante juízo de incoerências foi relatado pela ativista vegana RAE-129, porém, neste caso, feito por outros ativistas do movimento vegano:

Uma amiga foi trabalhar com um casaco que tinha uns apliques de imitação de pelo nos punhos e na gola e... nossa!, ela foi quase que linchada porque ela trabalha num local em que as pessoas são ativistas pela causa animal e a questionaram por estar usando aquele tipo de casaco, pois, segundo eles, mesmo não sendo de origem animal, “tinha tudo para ser de verdade...” (...)Ela falou que foi uma situação horrível... Ela foi quase linchada por outros ativistas, por estar com um casaco da Zara com imitações do pelo de um animal...

Apesar de considerar a postura dos referidos ativistas inadequada, a ativista RAE-129 reconhece que a utilização de simulacros de peles em punhos e golas de peças de vestuário poderia ser considerada experiência embaraçosa, uma vez que poderia simbolizar a utilização de animais para esta finalidade como sendo algo moralmente aceitável de sua parte: *Com esse pelo de aplique [sintético], eu também me sentia um pouco constrangida de usar, porque remete diretamente ao animal...* (RAE-129).

Semelhante sensação foi atribuída à hipótese de utilização de uma bota confeccionada em material sintético, com aspecto de couro de cobra, como demonstra o relato do respondente RAE-131: *Eu não me sinto à vontade de usar um negócio desses, vegano, porque, pra mim, isso é couro de cobra [risos]... por mais que não seja, eu não me sinto à vontade, porque parece que eu “tô achando da hora”...!*

Por meio da observação dos aspectos acima discutidos, entende-se que, em geral, haveria simulacros de materiais de origem animal suficientemente semelhantes com derivados de animais que, ao evocarem ao que estes ativistas consideram ser produtos de práticas antiéticas, seriam vistos como simbolicamente antagônicos à ideologia que esposam, suscitando sensações de constrangimento social.

Considerações Finais

A apreciação dos dados que emergiram das discussões analisadas possibilitou considerações mais abstratas em relação a aspectos e possíveis implicações que permeiam a temática da ideia de simulacro de materiais de origem animal, em materiais sintéticos presentes em vestuário utilizável por indivíduos veganos.

Diante das análises aqui apresentadas, evidenciou-se que, para grande parte dos usuários e ativistas veganos que contribuíram para iluminar esta pesquisa, haveria materiais sintéticos reconhecidos como evocativos de outros, porém, oriundos de animais, embora sequer soubessem se, de fato, teriam sido idealizados para fins de cópia, emulação e/ou alusão aos mesmos.

Tal percepção de evocação desta classe de simulacros a materiais de origem animal revela a dimensão semiótica característica destes produtos que, por este motivo, muito além de alternativas a materiais de origem animal, estaria associada a implicações como, por exemplo, o estímulo ao consumo dos materiais de origem animal dos quais as imitações evocam, por parte de indivíduos não adeptos do veganismo.

Além disto, por serem, muitas vezes, indistinguíveis, aos olhos de leigos, material sintético de derivado animal, poderiam emitir mensagens discrepantes das que seus emissores pretenderiam informar. Ao utilizar uma jaqueta de material sintético semelhante ao couro bovino, por exemplo, ao invés de, simplesmente, demonstrar que haveria alternativas veganas ao consumo de derivados de animais em vestuário, o indivíduo vegano poderia aparentar incoerências entre a filosofia e a prática do veganismo, ao ser visto por outrem como alguém que utiliza materiais de origem animal.

Ao que parece, materiais pertencentes à esta categoria de simulacros teriam seu limiar de aceitabilidade condicionado não apenas aos preceitos da filosofia do veganismo, mas, sobretudo, a valores subjetivos, variando de acordo com o que estes produtos representariam para cada vegano.

Tal problematidade daria-se em função de implicações mais abstratas e subjetivas, como, por exemplo, contribuir para a perpetuação do *status quo* em

que a utilização de animais para fins de vestuário seria moralmente aceitável, por meio da glamorização da ideia de objetificação de animais (antagônica à ideologia do veganismo), decorrente da indiscernibilidade característica de muitos simulacros.

No entanto, a ocorrência destas considerações manifesta-se mais em termos ideais, que empíricos, pois, não necessariamente denotam que os usuários que as declararam não consumam quaisquer tipos de simulacros de materiais de origem animal, em materiais artificiais, ou, ao menos, os quais se referiram.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Platão e o simulacro**. In: *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FELIPE, Sônia Terezinha. **A desanimalização do consumo humano: desafios da ética vegana**. Palestra proferida na abertura da reunião da fundação da Sociedade Vegana. São Paulo: 2010. Disponível em: < http://sociedadevegana.org/index.php?option=com_content&view=article&id=16:a-desanimalizacao-do-consumo-humano-desafios-da-etica-vegana&catid=16:etica&Itemid=5 >. Acesso em: 01 mar. 2015.

_____. **Diferença entre Ética Animalista Biocêntrica e Ética Senciocêntrica**. Abr. 2014. Disponível em: < <http://www.olharanimal.org/pensata-animais/autores/sonia-t-felipe/708-diferenca-entre-etica-animalista-biocentrica-e-etica-senciocentrica> >. Acesso em: 30 mar. 2015

FERREIRA, Afonso. **Estilista faz vestido de noiva vegano e troca seda por sintéticos**. Abr. 2013. Disponível em: < <http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/05/06/estilista-vegana-se-inspira-em-stela-mccartney-para-criar-vestidos-de-noiva.htm> >. Acesso em: 22 mar. 2015.

GUIMARÃES, George. **Protovegetarianos**. Abr. 2010. Disponível em: < <http://veddas.org.br/protovegetarianos/> >. Acesso em: 01 mar. 2015.

INTERNATIONAL VEGETARIAN UNION. **Definitions**. Mar. 2013. Disponível em: < <http://www.ivu.org/index.php/definitions> >. Acesso em: 17 mar. 2015.

JOY, Melanie. **Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas: uma introdução ao carnismo: um sistema de crenças que nos faz comer alguns animais e outros não.** São Paulo: Cultrix, 2014.

MICHAELIS Dicionário prático da língua Portuguesa (nova ortografia). São Paulo: Melhoramentos, 2009.

MÜLLER, Bruno. **Vegetarianismo, veganismo e protovegetarianismo: definições e concepções.** 20 mai. 2010. Disponível em: < <http://www.anda.jor.br/20/05/2010/veganismo-vegetarianismo-e-protovegetarianismo-definicoes-e-concepcoes> >. Acesso em: 01 mar. 2015

SELO VEGANO. **Definição de “Vegano” para certificação.** 2013?. Disponível em: < <http://www.selovegano.com.br/#!/quem-pode/ckz8> >. Acesso em: 23 mar. 2015.

SOCIEDADE VEGANA. **Protovegetarianismo.** 201?. Disponível em: < http://www.sociedadevegana.org/index.php?option=com_content&view=article&id=27:protovegetarianismo&catid=18:textos-fundamentais&Itemid=15 >. Acesso em: 01 mar. 2015.